

Sociabilidade e êxito acadêmico dos alunos que ingressaram através de programas de cotas e vestibular indígena da UFPR

Augusto Barbosa, Leticia Wons, Natália Granato, Natália Nuñez

Essa pesquisa possui um caráter coletivo, sendo desenvolvida pelo Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Ciências Sociais. Uma das atribuições do PET é pensar a universidade, fazendo reflexões sobre suas ações institucionais e suas relações com as demandas da sociedade. Nesse programa, há um histórico de pesquisas que seguem essa linha de indagações e, por interesse do grupo, foi decidido que faríamos algo que dissesse respeito às políticas de cotas na universidade¹, focando especialmente nas formas e condições de sociabilidade de alguns estudantes cotistas, a partir de um olhar sociológico. O assunto nos parece de grande pertinência para os estudantes em geral, para a UFPR como um todo e, talvez, para as políticas de ação afirmativa num contexto maior. Vale frisar que se trata de uma pesquisa ampla que pretende abordar as três modalidades de reserva de vagas e que no momento nossa atenção está voltada apenas às cotas raciais. Há um grupo de alunos recém-admitidos no PET que aderiu à pesquisa e que está começando a trabalhar com o vestibular indígena. A proposta inicial é de verificar as peculiaridades que cercam cada modalidade de cota, mostrando as possíveis dificuldades e o posicionamento singular que o estudante cotista enfrenta durante a vida acadêmica, numa tentativa de ir além do problema da inserção do estudante cotista na universidade, mas, principalmente, em entender os problemas de sua permanência.

Nessa apresentação, nos organizamos de modo a primeiro discutir as conclusões sobre o levantamento bibliográfico realizado durante o ano anterior, a fim de definir um objetivo de pesquisa que fosse relevante dentro do amplo tema das políticas afirmativas. Em um segundo momento, levantamos algumas hipóteses que pretendemos explorar na pesquisa e explicamos qual método foi utilizado, destacando as especificidades do material com o qual lidamos.

¹ O sistema de reserva de vagas para alunos provenientes de escolas públicas, afro-descendentes e indígenas foi implementado pela resolução nº37/04 do Conselho Universitário da Universidade Federal do Paraná para o ano de 2005. A UFPR foi uma das primeiras instituições de ensino no Brasil a tomar uma decisão relativa ao ingresso de alunos pelo sistema de cotas, aplicando essas três modalidades no seu vestibular. Trata-se de reservar 20% das vagas oferecidas em todos os cursos para alunos que comprovarem que estudaram o Ensino Fundamental e Médio em instituições públicas de ensino, 20% para alunos autodeclarados negros e validados por uma banca de membros da comunidade universitária interna e externa, no ato da matrícula, e a reserva de vagas para alunos indígenas, num processo especial de entrada, apresentando um documento do líder da aldeia, validado pela FUNAI. Para concorrer a esse sistema, os candidatos devem manifestar no ato da inscrição que desejam concorrer em uma dessas modalidades.

Apontamos, então, os pontos mais relevantes da entrevista que é objeto central nessa apresentação, reconstituindo a trajetória de uma aluna cotista na UFPR, enquanto cruzamos essas informações com material produzido institucionalmente por cotistas. Por fim, apontamos os caminhos de prosseguimento desta pesquisa, quais são nossas indagações atuais e o que pretendemos fazer daqui em diante.

Após fazer um levantamento bibliográfico em algumas bases de dados², foi averiguado que, no tocante às cotas, os trabalhos científicos se ocupam majoritariamente da discussão sobre as premissas que envolvem a implementação e a legitimidade desse tipo de política afirmativa, ou relativos à sua eficácia, isto é: poderia ou não o sistema de cotas corrigir a desigualdade social brasileira? Além dessa discussão, coloca-se o debate sobre o mérito: estariam os estudantes cotistas tomando o lugar de alunos “mais bem preparados” no ingresso à universidade? Ou então as discussões giram em torno do conceito de raça: as cotas raciais não estariam reforçando um tipo de preconceito? Essas discussões, que são as que se mostram em abundância, além de estarem defasadas (como o exemplo das que debatem o conceito de raça), não alcançam a pergunta deste trabalho sobre os desafios na integração dos estudantes cotistas no Ensino Superior. As políticas de implementação de cotas receberam muita atenção da comunidade acadêmica, da mídia e da sociedade brasileira em geral, mas o debate se estagnou no que concerne à legitimidade e justiça das ações afirmativas. Uma vez implantadas as cotas, discutiu-se muito pouco acerca da inserção e permanência dos estudantes cotistas na universidade³.

Alguns trabalhos se aproximam de nossa proposta de pesquisa, pois se preocupam com a questão da sociabilidade no âmbito universitário. DAUSTER (2002) mostra como se cria um diferencial entre “bolsistas” e “elite” na PUC-RJ a partir da escrita e da leitura. WELLER e SILVEIRA (2008) retomam trajetórias de jovens negras na UnB e demonstram como suas experiências são diferenciadas, marcadas por preconceitos e discriminações. A

²Banco de Teses e Dissertações da CAPES, anais dos trabalhos apresentados em dois dos maiores eventos da área de Ciências Sociais, a saber, os encontros da ANPOCS e da SBS. Esse levantamento é referente aos trabalhos feitos até o ano de 2011, no início desta pesquisa.

³A partir do levantamento feito na base de dados da CAPES sobre ações afirmativas, referentes ao período de 2005 a 2009, encontramos 37 teses de doutorado e 152 dissertações de mestrado. Dentre estes, identificamos quatro trabalhos de doutorado e cinco de mestrado preocupados de alguma maneira com a permanência do estudante cotista: SOUZA (2009), ESTACIA (2009), CORDEIRO (2008), GUIMARÃES (2007), BARROS (2009), CASTRO (2008), PAULINO (2008), HOLANDA (2008) e JACOMINI (2007). Sete dos nove trabalhos foram produzidos em programas da Educação, os outros dois são do Serviço Social. Além desses, destacam-se DAUSTER (2002), WELLER e SILVEIRA (2008) e BRANDÃO (2007)

coletânea organizada por BRANDÃO (2007) busca fazer uma primeira avaliação sobre as cotas raciais e também reserva um último capítulo para a consideração das especificidades de um estudante indígena na universidade. Estes trabalhos nos parecem relevantes no que diz respeito à permanência do estudante cotista na universidade, mas ainda assim, dado o tempo de implementação das cotas, nos parece importante aprofundar e ampliar esse tipo de debate. Outro trabalho que segue essa direção e que ainda não havia sido publicado na época em que realizávamos este levantamento bibliográfico é o artigo *Memórias Silenciosas* de autoria de SILVEIRA (2012). Tal pesquisa se mostra não só próxima de nosso tipo de indagação, mas também se revelou como uma importante ferramenta para nossa pesquisa, uma vez que resgata a fala e as reflexões de um grupo de alunos cotistas na UFPR, dando visibilidade à experiência deles na universidade.

De posse desses dados, definimos que nosso trabalho se propõe de forma mais ampla a cobrir uma grande lacuna deixada no debate acadêmico pelos pesquisadores que se debruçam sobre o assunto das políticas afirmativas para o Ensino Superior no Brasil. Como essas políticas já foram implantadas há anos, o debate que vem sendo feito precisa ser ampliado, tendo em vista que já temos uma margem de tempo suficientemente boa para observar a dinâmica a partir de uma avaliação crítica a respeito dos resultados gerados por tais políticas. Se o debate a respeito do sistema de cotas girar apenas em torno da possibilidade de se efetuar um tipo de correção de uma injustiça para com as minorias contempladas, preocupando-se exclusivamente com a legitimidade das ações afirmativas, os resultados se mostram agora incapazes de apreender a realidade, uma vez que a implementação de tal sistema foi efetuada há um espaço considerável de tempo. Reconhecemos, portanto, a política de cotas como um fenômeno social em curso e assim esperamos voltar um novo olhar a seus desafios.

Nosso principal objetivo é verificar se há uma relação estreita entre as formas de sociabilidade no meio universitário em relação ao rendimento acadêmico do estudante. Ou seja, acreditamos que a integração do aluno cotista junto aos demais alunos do curso e a sua vivência no meio universitário podem ter consequências decisivas sobre o desenvolvimento intelectual do aluno, seu engajamento na universidade e seu interesse pela vida acadêmica. Acreditamos que se o estudante cotista não encontra espaços onde consiga se integrar à totalidade dos demais alunos, este estudante passa a ter imensas dificuldades para seguir com seus estudos no Ensino Superior. É também nossa preocupação investigar se há redes de sociabilidade e amizade entre estudantes cotistas que estejam vinculados a algum programa de permanência aos cotistas da própria Universidade, pois acreditamos que estes programas oferecem um alicerce essencial a estes alunos. Além disso, achamos relevante questionar se

tal aparato é suficiente ou se a questão da sociabilidade está além da competência institucional, demandando uma indagação cultural.

Como método, fazemos uso de entrevistas abertas para verificar se essas considerações são válidas. Até agora, pudemos analisar a trajetória familiar e escolar de uma estudante cotista racial, averiguando de que modo ela criou expectativas de ingresso na universidade e de que modo percebe a sua inserção no meio acadêmico, tanto em termos de relações sociais como em termos de formação profissional. Buscamos apoio em bibliografia específica, o artigo *Memórias Silenciosas*, produzido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros⁴ da UFPR. O artigo *Memórias Silenciosas* procura não apenas falar sobre estudantes cotistas, mas, principalmente, dar voz a tais estudantes. Alguns depoimentos produzidos pelos próprios alunos foram publicados no sentido de resgatar suas falas e produzir uma memória coletiva. Nossa intenção é cruzar as informações obtidas por meio da entrevista já realizada por nós nesse estágio da pesquisa⁵ com as informações elaboradas por meio desses depoimentos do NEAB. É importante entender as diferenças de cada um dos materiais: a entrevista é individual, os depoimentos são fruto de discussões em grupo; a entrevista é realizada com uma aluna que entrou na Universidade em 2010, enquanto os depoimentos são elaborados por alunos que entraram em 2005, ou seja, alunos da primeira turma de cotistas da UFPR. Cruzar essas informações nos parece relevante para apontar continuidades e mudanças na vivência de alunos cotistas raciais. As dificuldades que os primeiros enfrentaram ainda estão presentes na UFPR? As estratégias que os alunos empregam em suas sociabilidades são as mesmas? O apoio institucional ao qual recorrem tem peso e significação semelhante para todos? Como esses alunos vivenciam suas identidades etnoraciais, tanto na época em que a discussão sobre a legitimidade das cotas era mais polêmica, quanto agora, quando a impressão que temos é que o debate já se acalmou e as dificuldades de integração dos cotistas ficam invisibilizadas?

A primeira participante da pesquisa, que concordou em nos ceder uma entrevista relatando sua experiência como aluna cotista, é Lindaura, filha de trabalhadores rurais de Minas Gerais e caçula entre doze irmãos. Em suas palavras, as condições do trabalho rural demandavam um número grande de filhos e a sua criação acabou sendo diferente das

⁴De acordo com o site do NEAB, “o objetivo geral do núcleo é se constituir como um centro de referência que articule e promova atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas ao campo de estudos afro-brasileiros”. Possui ainda os seguintes objetivos específicos: “Produzir conhecimentos referentes ao campo de estudos; difundir conhecimentos produzidos na área de estudos; promover intercâmbio de informações; constituir fórum de articulação e discussão das ações desenvolvidas na UFPR sobre África e africanidades no Brasil.” A apresentação formal que o NEAB faz de si nos parece relevante para confrontar com a significação que os estudantes vinculados ao núcleo conferem a ele.

⁵A entrevista realizada por nosso grupo também foi feita com uma integrante do NEAB.

experiências de seus irmãos, mais velhos. Na sua família e entre seus mais de vinte sobrinhos, foi a primeira a ingressar no Ensino Superior, sendo ambos mãe (descendente de portugueses) e pai (descendente de índios) analfabetos, enquanto os irmãos não foram além do ensino básico (*“só aprenderam a ler e escrever, a se virar no mundo”*). Sua família chegou à Curitiba quando ela era ainda bebê, o que na visão da entrevistada propiciou diferentes oportunidades de estudo: *“Porque isso não foi social/ eh, culturalmente ensinado pra gente, ‘vai estudar, vai ser alguém na vida, vá fazer faculdade’.* Muito pelo contrário, quando eu passei no vestibular, por exemplo, eu não tive nenhuma parabenização de ninguém da minha família”.

Lindauro fez o Ensino Fundamental na rede pública e, tendo casado com 14 anos, interrompeu o Ensino Médio aos 16 por conta de uma gravidez. Depois do término do seu casamento, aos 19 anos, ela resolveu continuar os estudos, mas a impossibilidade de frequentar o Ensino Médio presencial de maneira regular fez com que optasse pela modalidade de ensino à distância.

O interesse pelo Ensino Superior foi decorrência de sua percepção sobre o contraste entre sua vivência familiar em relação à vida urbana à sua volta, onde as pessoas *“têm uma tendência ao letramento, a frequentar a escola”*. Tomando consciência das dificuldades do pai, que na cidade trabalhava na construção civil, da mãe dona-de-casa e dos irmãos que viviam no que ela chama de subemprego (empregada doméstica, operário industrial, borracheiro, manicure, empregos em lava-car e empresa de ônibus; a irmã “com maior sucesso” é técnica em enfermagem), almejava para si um trabalho, em suas palavras, “mais digno”, dentro de um escritório ou de uma sala de aula, algo que, do seu ponto de vista, só o estudo poderia viabilizar.

Lindauro decidiu então tentar seu primeiro vestibular para o curso de Letras, na UTFPR, em 2008. Mesmo não tendo uma educação formal sólida, seu interesse aparece como uma constante em sua trajetória: *“Então o livro sempre teve no centro da minha vida. Assim, desde quando eu era criança, na infância, por exemplo, eu deixava de curtir o horário do recreio para ir pra biblioteca ler um livro, Monteiro Lobato, por exemplo, acho que eu li todos dele”*. Ela não obteve sucesso nesse vestibular, mas encara a experiência como positiva, na medida em que lhe possibilitou saber como era uma prova de vestibular, um processo seletivo com o qual ela nuncativara contato. Ela relata que ficou assustada, mas que viu que não era algo impossível, que se ela se esforçasse poderia conseguir. Decidiu, logo em seguida, se matricular num cursinho pré-vestibular semi-extensivo à noite, pois trabalhava durante o dia em uma loja de informática.

A opção por cotas, no entanto, não ocorreu nessa primeira tentativa de vestibular, uma vez que ela não havia problematizado a questão de poder competir em condições de igualdade com os outros vestibulandos. Ao longo do tempo, começou a lhe ocorrer a percepção de que existia uma desigualdade entre a situação dela e dos outros concorrentes e que fazer o uso dessas políticas afirmativas não significava um desmerecimento à vaga na universidade. Lindaura aponta que as discussões acerca das políticas afirmativas não eram levantadas no espaço do cursinho e que ela teve que se informar e construir sozinha o sentido que dava às cotas raciais. Além das preocupações acerca do mérito, Lindaura explorava também indagações íntimas sobre sua identidade etnoracial, que não lhe eram claras à época. Durante esse processo, ela chegava à constatação de que estava participando de algo maior que seus desafios pessoais: *“Eu posso optar pelas cotas sociais, porque eu estudei a vida inteira em colégio público, mas, também, se eu não reconhecer agora, né, a minha identidade, se eu não fizer a opção pelas cotas agora eu vou tar virando as costas, ignorando toda uma luta, né, que vem aí, que não vem em vão, que vem há muito tempo. (...) Então eu não optar pelas cotas raciais agora vai ser uma espécie de covardia, né. Vai ser como se eu não tivesse reconhecendo a luta dessa galera aí e também não me reconhecendo enquanto negra”*.

Ao lado de suas convicções pessoais, o apoio de seu ex-marido, branco e mestre em Engenharia Elétrica, foi decisivo, pois dele veio não só a informação mais detalhada a respeito do sistema de cotas, como também o incentivo à afirmação da identidade etnoracial de Lindaura, que tinha dúvidas sobre o que esperar da banca que enfrentaria. Lindaura diz que ao longo da vida sua identidade negra era negada pelas pessoas ao seu redor, que preferiam a caracterizar como “moreninha”. Seu ex-marido foi figura essencial para ela nesse processo: *“ele dizia, assim, que o que ele adorava em mim era esse lado negro, né, do cabelo, da cor da pele e dessa identidade que eu tinha, embora negada, que eu mesma construí”*. Lindaura decidiu então prestar vestibular a partir das cotas raciais para o curso de Pedagogia que, de acordo com ela, lhe permitiria *“mudar alguma coisa, parar de reclamar e ir pra sala de aula, né, e entender esse processo”*. Ela obteve êxito e começou a cursar Pedagogia no período noturno, em 2010.

“(...) agora entrei na Universidade Federal, sou aluna Federal, que orgulho, né, vou pra sala agora. Cheguei na Universidade com aquela ideia, assim, de que todo mundo que tá ali é muito esclarecido, é muito inteligente”: o trecho em questão expõe as expectativas de Lindaura em relação ao que encontraria no ambiente da universidade. Seu tom era otimista e a projeção era encontrar acolhimento em um lugar com ideias esclarecidas e onde estaria com

tantos outros, aos quais ela chama de, “iguais”. Ela não esperava um ambiente, em suas palavras, “elitizado”, pois via que pessoas como ela estavam tendo a oportunidade de entrar. Diante da realidade do ingresso, porém, Lindaura descreve como “chocante” o início de sua vida universitária: *“Quando eu entrei, assim, nos primeiros dias de aula, aquela coisa de ‘se apresente’, né, ‘conte sua trajetória’ e tal e eu bati no peito e falei ‘eu sou cotista’. E a partir daí começou meu pesadelo, né. Tudo aquilo que era um sonho pra mim, que/ Universidade, formação, etc, começou a virar um pesadelo, assim. Eu não queria mais ficar naquele ambiente, porque uma vez que/ daí as pessoas da sala já sabiam que eu era cotista e tal, elas não me abordavam diretamente nesse assunto, mas toda vez que tinham oportunidade de cutucar, de espetar, diziam coisas”* (grifo nosso).

O seu relato não é isolado, ao contrário. O artigo de Marcos Silva da Silveira, *Memórias Silenciosas*, reúne uma série de depoimentos de estudantes cotistas⁶ que não se distancia muito das experiências vividas por Lindaura. Compreender as continuidades e descontinuidades desses diferentes relatos pode nos ajudar a abrir hipóteses e caminhos para a sequência dessa pesquisa, principalmente no que concerne ao entendimento sobre que lugar um espaço como o NEAB ocupa na trajetória desses alunos.

Dentre os vários pontos possíveis para focar nessa análise, escolhemos destacar nesse primeiro instante os dados das narrativas que tratam acerca da identidade negra, de situações de preconceito e da participação em um grupo como o NEAB. A escolha por estes três aspectos norteou-se principalmente pela ligação possível com o nosso problema de pesquisa, a saber, investigar as condições de sociabilidade destes estudantes e seus respectivos efeitos sobre permanência na universidade, incentivo e êxito acadêmico.

Lindaura, como indicado acima, descreve seu ingresso na UFPR em 2010 de maneira negativa. O que se segue em sua narrativa é uma sequência de conflitos em sala de aula com outros/as colegas de sala contrários/as às políticas de cotas, que, por exemplo, se negavam a estar presentes durante seminários que Lindaura apresentava, ou que a abordavam questionando se ela “não tinha vergonha” de “entrar pela porta dos fundos” da Universidade. A intensidade foi tal que Lindaura cogitou desistir da faculdade, *“mudar de curso, mudar de*

⁶ É importante salientar a forma diversa com que essas narrativas provenientes do artigo do Marcos Silva da Silveira foram feitas em relação ao relato de Lindaura para a presente pesquisa. Em seu artigo o autor explicita o processo: “as memórias produzidas seriam mais a expressão de uma reflexão coletiva, realizada em vários momentos [...]. As oficinas, seminários e mostras de trabalhos realizadas pelo NEAB, a escrita das memórias, as conversas que tivemos, forneceram um espaço único para estudantes cotistas falarem sobre suas experiências nas questões etnoraciais e expressarem seus sentimentos sobre suas identidades, suas relações sociais, o processo de construção de suas identidades raciais que o programa de cotas promove, bem como refletir sobre os desconfortos encontrados ao ingressarem na universidade enquanto estudantes cotistas.” (SILVEIRA, Marcos Silva da. 2012, p 143)

sala, mudar de turno e me esconder. Tipo, nunca mais admitir que eu era cotista. Mas daí eu pensei que isso não iria me isentar, sabe, da crítica e do olhar. Porque eu sou preta". Isso tudo já no segundo semestre do seu primeiro ano no curso de Pedagogia. Passaram-se dois anos para que ela trocasse o turno da noite pelo da manhã.

Alguns acontecimentos são importantes para que Lindaura se sinta acolhida e apoiada. Ela relata uma conversa com uma professora no seu segundo semestre que lhe orientou a procurar a coordenação de seu curso, pois a professora conseguia perceber que ela estava sendo alvo de comentários preconceituosos. Para Lindaura, para além do conselho prático de procurar a coordenação, sentir que não era apenas ela que percebia isso foi legitimador. Ela deixara de duvidar de si nesse instante (*"eu percebi que não era pira da minha cabeça, porque a gente tem essa tendência de se vitimizar (...), de não reconhecer que isso é uma maldade, que é um preconceito e que tá errado"*). Seguiu para a coordenação, que a encaminhou para a PRAE, onde foi atendida por uma assistente social que a indicou o NEAB. A importância de participar desse núcleo de pesquisa, para ela, foi principalmente poder manejar uma série de conhecimentos teóricos em relação ao tema de raça/etnia, como também o conhecimento sobre histórias de negras e negros que não começam no período da escravidão e que expõem suas diversas contribuições culturais.

Com esses fragmentos da narrativa de Lindaura percebemos o quanto o ambiente da universidade pode prejudicar ou contribuir para a permanência e êxito acadêmico. E não se trata apenas de uma narrativa pontual da Lindaura. Podemos apontar recorrências a partir das experiências compartilhadas pelos estudantes ligados ao NEAB da UFPR⁷.

Dentre as memórias silenciosas está a de Alcione Batista Leite. Assim como Lindaura, não tinha problemas em se entender enquanto negra, embora outros lhes adjetivassem de morena. Outro ponto comum era o ingresso na universidade marcar um momento em que suas idealizações a respeito do ambiente universitário são desfeitas. Declarar-se enquanto cotista a coloca em situações de discussões na instituição com colegas e professores e, para estas ocasiões, participar de um núcleo de pesquisa com foco nas questões sociais e raciais a instrumentaliza com teoria. Ela conta sobre como passar de "argumentos grosseiros" para uma discussão "fundamentada" teve efeitos positivos nos debates travados por ela não somente na universidade como em casa com familiares. Lindaura também se

⁷ Todos os relatos para além da estudante Lindaura são extraídos do mesmo artigo: SILVEIRA, Marcos Siva da. Memórias Silenciosas. In: *Uma década de políticas afirmativas: Panorama, argumentos e conflitos*. COSTA, Hilton; PINHEL, André; SILVEIRA, Marcos Silva da (org). Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

sentiu assim: *“minha disposição era sempre embasada na minha experiência, no que eu conhecia, mas eu nunca li nada a respeito”*.

Lindaure e Alcione indicam em seus relatos a importância do respaldo institucional em suas trajetórias dentro da universidade. Elas se identificam enquanto negras durante suas vidas e, na universidade, vivenciam um ambiente que questiona sua presença pautada na sua identidade racial. Nesse contexto acadêmico, parece que fundamentar sua identidade e sua presença através do discurso científico acerca das condições sócio-históricas das pessoas negras aumenta seu poder de resposta. E, talvez até mais que poder argumentar com mais substância do ponto de vista acadêmico, seja a posituação ainda maior das suas identidades enquanto mulheres negras. Espaços como o AfroAtitude⁸ e/ou NEAB permitem que os estudantes positivem suas identidades, se entendam enquanto negros/as e compartilhem suas experiências. É importante ressaltar que esse amparo institucional é fundamental, mas também tem seus limites. De acordo com Lindaure: *“o NEAB foi muito importante pra mim. Mas também não aliviou. Eu tinha mais embasamento pras discussões, eu só entrava na discussão/ eu não entrava mais em discussão, eh, fútil, assim. Muita coisa eu ouvia e deixava passar, né, mas daí quando eu entrava na discussão eu tinha embasamento”*.

Os conflitos dentro da universidade com colegas e professores que ambas as alunas relatam também aparecem em outras falas do artigo a que nos propomos analisar juntamente com a fala da Lindaure. Áurea Teixeira da Silva, Edvando Eduardo Gomes da Silva, Jules Ventura Silva e Júlia Conceição da Silva tratam de situações de preconceito e resistência durante suas vidas, e especificamente na universidade, tensões como as descritas por Lindaure e Alcione. O que mais nos chama atenção é que essa inserção institucional respalda também em momentos que não envolvem exclusivamente o debate. Lindaure chegou ao NEAB procurando orientação de como lidar com os constantes conflitos e comentários dirigidos a ela em sala de aula. Alcione ao ser eliminada de um projeto de extensão sem justificativa coerente acionou a supervisora do AfroAtitude, que em sequência conversou com coordenadores do seu curso. A resposta deles à Alcione foi que sua eliminação injustificada tinha sido uma “infelicidade” e que ela poderia voltar ao projeto. Após esse caso, ela notou uma conduta de cautela e insegurança por parte dos docentes, pois percebiam que ela “não

⁸O Programa de Bolsas Afroatidade é uma parceria entre as universidades que adotaram políticas afirmativas (como a UFPR), a Secretaria Especial de Direitos Humanos, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e o Ministério da Saúde, sendo este último, o responsável pela manutenção dos recursos financeiros do programa. (...) Além do benefício para a permanência e sucesso de estudantes no sistema de cotas, o programa visa envolvê-los da maneira mais ampla possível, em atividades de formação voltadas às questões sociais tanto em Curitiba, como na Região Metropolitana, em especial no Vale do Ribeira."

estava sozinha na universidade”⁹. Tais relatos fazem pensar na importância de instâncias como NEAB e/ou Afro-Atitude para estes estudantes, ao mesmo tempo em que nos transporta para aqueles estudantes não inseridos nesses grupos. Há outros mecanismos na instituição que estes tantos outros alunos cotistas possam acionar com resposta tão efetiva? Há outros espaços na universidade que propiciem impacto similar ao NEAB ou AfroAtitude? A sociabilidade desses estudantes que transitam em espaços que os empoderam pode ser decisivo em seu êxito? São alguns questionamentos que com mais dados e relatos poderemos inferir com maior precisão.

O discurso de Lindaura é que o NEAB oferece curso para todos os estudantes, a própria Universidade tem disciplinas optativas (que na opinião dela deviam ser obrigatórias) que tratam de temas etnorraciais, de políticas afirmativas, do processo sócio-histórico que culmina em desigualdade. Para ela, os colegas que a atacavam com ideias preconceituosas deviam ir atrás tirar suas dúvidas e estudar. Na visão de Lindaura, *“o NEAB, pra cotistas, assim, é o que tem de melhor, assim, dentro da Universidade. Não existe outro espaço assim que possa dar esse suporte, esse apoio para o cotista que não seja o NEAB. É de uma importância extrema. É uma pena que nem todos os cotistas se dão o direito, né, de ir até o NEAB e conhecer. Também por, por talvez, por covardia”*.

O que nossa pesquisa precisa fazer no momento é estranhar o discurso do próprio aluno inserido nesse tipo de grupo e perguntar se as condições de sociabilidade proporcionadas ali são mesmo assim tão efetivas. Se são, por que nem todos os alunos cotistas procuram essas instâncias? Se não, como adquirem essa significação para seus estudantes? Além disso, não podemos partir do pressuposto de que todos os alunos cotistas raciais da UFPR sofrem casos de preconceito ou conferem importância a suas identidades etnorraciais. Seria interessante, portanto, nesse momento da pesquisa, conversarmos com alunos que não tenham nenhum vínculo institucional com o NEAB para compreendermos como é a forma de sociabilidade e integração desses estudantes distantes desse aparato, quais são as diferenças e similaridades dessas duas formas de experiência enquanto cotista racial.

Até agora, na pesquisa, pudemos verificar que as condições de sociabilidade dos alunos cotistas (as relações com colegas do curso e professores, a possibilidade de criar vínculos de amizade e afeto, o trânsito nos órgãos que compõem a universidade, o acesso aos serviços prestados pela UFPR) geram efeitos sobre seus desempenhos acadêmicos, principalmente no que se refere à permanência no curso e ao incentivo para frequentar a

⁹ SILVEIRA, Ibid, p. 151

Universidade. A intenção da pesquisa agora é explorar esses mecanismos de sociabilidade para além das possibilidades institucionais de integração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- RESOLUÇÃO n° 37/04 COUN, UFPR. Disponível em: www.ufpr.br/soc/descarregar_arquivo.php?cod=112
- NEAB <http://www.neab.ufpr.br/neab.html>
- AfroAtitude www.aae.ufpr.br/afroatitude.htm
- SILVEIRA, Marcos Silva. Memórias Silenciosas. In: Uma década de políticas afirmativas: panorama, argumentos e resultados. Organizadores: COSTA, Hilton; PINHEL, André; SILVEIRA, Marcos Silva. Editora UEPG: Ponta Grossa, 2012.
- WELLER, Wivian e SILVEIRA, Marly Ações afirmativas no sistema educacional: trajetórias de jovens negras da universidade de Brasília. Rev. Estud. Fem., Dez 2008, vol.16, no.3, p.931-947
- BRANDÃO, André Augusto (org.). Cotas raciais no Brasil: a primeira avaliação. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.
- DAUSTER, Tânia. Bolsistas e Elite – tensão e mediação na construção diferencial de identidades de estudantes universitários. In: VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2002, Belo Horizonte. Anais, 2002.
- SOUZA, João Vicente Silva. Alunos de Escola Pública na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: portas entreabertas. 2009. 467 f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- ESTACIA, Maria Aparecida Tagliari. Alunos do ProUni da Universidade de Passo Fundo: trajetórias, percepções/sentimentos e aproveitamento acadêmico. 2009. 239 f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- CORDEIRO, Maria José de Jesus Alves. Negros e indígenas cotistas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: desempenho acadêmico do ingresso à conclusão de curso. 2008. 260 f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação-Currículo – PUC-SP, São Paulo, 2008.
- GUIMARÃES, Reinaldo da Silva. Educação Superior, Trabalho e Cidadania da população negra – O que aconteceu com os estudantes provenientes dos pré-vestibulares comunitários e populares em rede beneficiários das ações afirmativas da PUC-Rio após sua formatura na graduação?. 2007. 241 f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Serviço Social – Departamento de Serviço Social, PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2007.
- BARROS, Clarissa Fernandes de Rêgo. As ações afirmativas na UERJ: trajetórias sociais e perspectivas dos estudantes cotistas no desafio do acesso à universidade. 135 f. 2009. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Faculdade de Serviço Social, UERJ, Rio de Janeiro, 2009.

- CASTRO, Luciane Andreatta. Política de cotas para negros na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – Unidade Aquidauana: a percepção dos alunos cotistas e professores. 143 f. 2008. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – UCDB, Campo Grande, 2008.
- PAULINO, Marcos. Povos indígenas e ações afirmativas: o caso do Paraná. 162 f. 2008. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.
- HOLANDA, Maria Auxiliadora de Paula Gonçalves. . Trajetória de vida de jovens negras da UnB no contexto das ações afirmativas. 164 f. 2008. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação, UnB, Brasília, 2008.
- NOVAK, Maria Simone Jacomini. Política de Ação Afirmativa: a Inserção dos Indígenas nas Universidades Públicas Paranaenses. 139 f. 2007. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – UEM, Maringá, 2007.